

Jerzy Brzozowski  
*Uniwersytet Jagielloński*  
*jerzy.brzozowski@uj.edu.pl*

## O dilema metafísico da *Aparição*

### Resumo:

O autor analisa o “escândalo” da *Aparição*, constatando que a irreligiosidade do livro deixou de escandalizar o público já dez anos após a sua publicação. O dilema metafísico, o de “instalar o homem nos aposentos divinos” tornou-se com o decorrer do tempo algo natural; por outro lado, a geração “pós 1968” não compreende (e muito menos partilha) a ética heróica do existencialismo que aceita a vida infeliz mas nobre em nome dos princípios humanistas. Mais, no horizonte atual, no qual o facto de apregoar uma ideologia com demasiado fervor é considerado como um excesso, o comportamento do protagonista na fase final do romance poderia parecer um ato de violência. Todavia, na opinião do autor, o romance de Vergílio Ferreira conserva sem dúvida um grande valor literário.

**Palavras-chave:** Vergílio Ferreira, existencialismo, catolicismo, geração 1968.

### Abstract:

#### **Methaphysical dilemma of Vergílio Ferreira’s *Aparição***

The author of this paper analyses the “scandal” of the novel *Aparição*, which was flagrant at the end of the 50s of the 20th century but only ten years later, in 1969, its “irreligiosity” was regarded as inoffensive. The metaphysical dilemma of the novel, which aims to put the man in God’s position, became, with the passage of time, something rather obvious. On the other hand, the post-1968 generation does not understand and accept the existentialist ethics of the “noble infelicity” for the sake of the humanist principles. Curiously enough, the fervor

of the hero's engagement in preaching the necessity of atheism at the end of the book could be considered nowadays as an act of violence. Nevertheless, Vergílio Ferreira's novel has not lost its great literary value.

**Keywords:** Vergílio Ferreira, existentialism, Catholicism, 1968 generation.

*Os homens morrem e não são felizes.  
Albert Camus, Calígula, 1958*

*(...) o não ser é impensável,  
não cabe na nossa mente.  
Vergílio Ferreira,  
Invocação a meu corpo.*

Diz o próprio Vergílio Ferreira, num posfácio de 1969, sobre o seu romance mais conhecido: “Coube a este livro a sua fracção de novidade e a sua fracção de escândalo” (Ferreira, 1959/1979: 253). A novidade, decerto, foi ligada aos dilemas existenciais desse texto que se inscreve na vasta corrente do existencialismo europeu no auge do sucesso da mesma. Passaram-se décadas desde o momento da sua publicação, é legítimo pois perguntar: será que os dilemas existenciais daquele tempo ainda são os nossos? Senão (e no meu entender, em boa parte já não são), o que faz com que a *Aparição* continue a ser um grande romance?

Antes de tentar de responder a essas perguntas, vale a pena lembrar da maneira mais breve possível a trama do romance. O narrador, recém nomeado professor de Liceu de Évora e poeta com dois volumes publicados, vem a essa cidade bastante abalado após a morte do seu pai. O pai, médico respeitado, era muito importante para ele, não só em termos de afeto, mas também de ideias racionalistas que o filho partilhava. Esta morte é um choque que catalisa uma “aparição”, só depois denominada de tal modo; mas vamos deixar falar o livro:

Então bruscamente ataca-me todo o corpo, as vísceras, a garganta, o ab-surdo negro, (...) a estúpida inverosimilhança da morte. Como é possível?

Onde a realidade profunda da tua pessoa, meu velho? (...) Vejo, vejo, céus, eu *vejo* aquilo que te habitava e eras tu e *sei* que isso não era nada, que era um puro arranjo de nervos, carne e ossos agora a apodrecerem (...).

Deus está morto *porque sim*. A imortalidade morreu *porque sim*. Não foi bem, meu velho, porque me ensinaste a história da terra e do homem e dos bichos (...) não foi por isto. Foi porque Deus se me gastou. (...) Sei que ele está morto, porque não cabe na harmonia do que sou. (...) Como não cabem as anedotas da infância, que já não têm graça nenhuma (...).

Por enquanto sinto a evidência de que sou eu que me habito, de que *vivo*, de que sou uma entidade, uma presença total, uma necessidade do que existe, porque só há eu a existir, estou aqui, EU, este vulcão sem começo nem fim, só actividade, só estar sendo, EU (...). Ora este “eu” é para morrer. (Ferreira, 1959/1979: 41-42)

O pai do Alberto tinha um amigo em Évora, o médico Moura: eis que Alberto se torna familiar da casa dele, a começar pela sua filha Sofia, a quem ajuda com o latim, a sua filha caçula, a superdotada Cristina que com apenas sete anos toca piano, a maravilha, e a Ana, casada com o rico mas bastante simplório agricultor Alfredo Cerqueira. Tem ainda o amigo da família Chico, um engenheiro culto que também leu as poesias do Alberto, mas não concorda com as suas ideias. E finalmente o discípulo do Alberto e primo do Chico, o Carolino, chamado Bexiguinha. A Sofia, a Ana e o Carolino deixam-se influenciar pelas ideias do Alberto sobre a urgência de se viver a vida em plena consciência de que só temos esta, e que outra não existe<sup>1</sup>. As aulas de latim com a Sofia tornam-se um caso amoroso, mas a irmã mais velha dela também é visivelmente fascinada pelo Alberto, senão

---

<sup>1</sup> Destes “seguidores” seus o Bexiguinha inquieta o Alberto desde a segunda conversa pelas suas ideias esquisitas sobre a morte como fonte do poder do assassino, o que leva o narrador ao comentário seguinte: “Eu, porém, não queria ‘envenenar-te’, ao contrário do que depois se afirmou. (...) Não te pregava a morte, Bexiguinha. Pregava-te a vida, mas a vida iluminada até às suas últimas raízes. Ver não é um erro. O que acontece é que nem todos os olhos aguentam: a cegueira que aí nasce vem dos olhos, não da verdade” (*ibidem*: 112).

porque diria ao professor que a Sofia já teve vários amantes (*ibidem*: 91)? Acontece que a Sofia é uma pessoa indomável, louca na opinião comum, e uma das provas disso é que o caso com o Alberto que evoluía tão bem não lhe é suficiente, ela cede igualmente aos ardores do Bexiguinha. O Alberto afasta-se um pouco, mas não rompe com a família Moura; num dia de Carnaval a comitiva toda vai em dois carros para a cidade de Redondo, onde são recebidos na casa do Bexiguinha. Na volta ocorre um desastre: o Alfredo, que conduzia o primeiro carro, perde o controle do volante, a única pessoa que sofre graves lesões é a pequena Cristina, que apesar de conduzida ao hospital de Évora no carro do Alberto, morre.

Isto é uma tragédia para a família inteira, especialmente para Ana, que não pode ter filhos e investiu todo o afeto na pessoa da sua pequena irmã. Sofia torna-se mais “louca” ainda, vai para Lisboa, volta despejada da pensão das freiras, visita várias vezes o Alberto, não rompendo, no entanto, com o Carolino, que, louco de inveja, a mata. O Alberto ganha o concurso em Faro e deixa Évora onde a vida se lhe torna insuportável.

O argumento do romance é pontuado, como podemos ver, pela sequência de mortes: não três, mas quatro, contando com o suicídio do sementeiro Bailote, que “perdeu a mão para semear”. A família deste culpou o doutor Moura por não ter remediado a sua doença: uma acusação absurda, mas que abalou o bom doutor e a sua família. Esta morte episódica teve no entanto um significado grave e simbólico no desenlace da trama: a Ana adota as duas crianças mais novas de Bailote, mas isto não é tudo: ela converte-se ao cristianismo, escandalizando o Alberto. A pergunta urgente que se nos coloca neste momento é o porquê desta reação do Alberto: há assim dois escândalos, o da receção do romance pelo público, ao qual só vou aludir de passagem, e o escândalo interno, que tratarei de compreender.

O que parece difícil de entender na lógica do romance, e sobretudo na ótica de hoje, é que o Alberto aparece em Évora como um apóstolo da irreligião, um demónio corruptor: mas a sua postura, ou a maneira como é percebida no seu retorno, não harmoniza com a simples declaração “Deus se me gastou”. Na verdade, este Deus supostamente

gasto está no centro de toda a reflexão que o autor nos apresenta através das declarações dos protagonistas ou conversas do narrador com várias pessoas. Estas pessoas são o doutor Moura, o Tomás, o irmão do Alberto, o Chico e a Ana – e o próprio Alberto, obviamente.

O doutor Moura, apesar de ser amigo do pai do Alberto e médico também, portanto formado na mais ‘positivista’ faculdade que havia em Coimbra e conhecedor da teoria da evolução, à primeira vista fica num conflito latente com as suas filhas. Quando a Ana, durante o primeiro jantar na casa dos Moura, ataca o Alberto com um tom de “um prosélito recente ou em crise”, dizendo que entre o primeiro livro dele e o segundo, “dir-se-ia que o seu deus ressuscitou também ao terceiro dia”, o médico irrompe na conversa:

Não, não minha filha, hoje não me levas à discussão. Isso é comigo, sabe? – acrescentou para mim, e continua: “Bem: eu sou religioso, acredito em Deus, em Cristo, no Papa, no dogma, em tudo o que me ensinaram. Mesmo não tenho tempo para pensar mais no assunto. Tenho um Deus para me tomar conta da vida e da morte. Fico com o tempo livre para tomar eu conta dos doentes”. (Ferreira, 1959/1979: 33)

Mas tudo isso se passa num ambiente convivial, sem estragar o bom humor do dono da casa e sem criar o mal-estar doutros comensais. Moura autodefine-se de uma vez por todas, ilustrando apenas a postura da classe dominante, a “dos analfabetos que sabem ler”, como dirá Vergílio Ferreira noutra ocasião<sup>2</sup>: desta forma o médico assume definitivamente o papel marginal na história, na qual não aparece mais que duas ou três vezes, não merecendo conversa séria.

O Tomás, irmão do Alberto, merece uma conversa, sim: mas também não um papel de destaque na história. O seu caso é porém muito diferente do de Moura: o Tomás não vai à missa, como o seu irmão, e embora se autodefinha como “pobre lavrador” (na verdade é rico e fez um curso superior) é lúcido e diz coisas que não deixam

---

<sup>2</sup> “Somos um povo de analfabetos. Destes há alguns que não sabem ler e outros que sabem”. *Conta-Corrente III* (1983), em: Naves, L. (ed.) (2016), *1000 frases de Vergílio Ferreira*, Quetzal, Lisboa, p. 182.

indiferente Alberto, que o questiona. As suas palavras merecem uma cita mais ampla:

Bom, então acho extraordinário que eu esteja vivo. E sinto-me bem *eu*. Mas não me sinto eu sozinho. Outras partes de mim estão em outro lado e são os filhos que dormem, ou os trabalhadores com quem falei, ou a terra que ajudei a trabalhar (...).

– Mas não é isso! É muito diferente! É muito diferente! (...).

– Tu disseste que era diferente, que vermo-nos não era vermo-nos nos outros. Quando a gente sente a sério uma coisa, julga que ninguém mais a sente. Julga-o, porque é difícil exprimir isso que sente. Tu julgas que o velho Deus e a violência estúpida da morte e o milagre da vida nunca entraram nas minhas contas. Entraram. Mas agora são como animais familiares. Durmo bem no meio deles.

– Não é possível! Tu não viste nada! (...) tu não assististe ainda à aparição de ti a ti próprio (...).

Tomás abanou longamente a cabeça:

– Pobre Alberto. Porque não vais tu à missa? É a tua última tarefa (...). Na verdade, nada disseste ainda que eu ignorasse (...). A minha vida é única, é um milagre, como tu dizes. O nada absoluto da morte atordoia. Mas eu sei que para além de mim há a vida e que a vida não morre. Sim, raras vezes vejo isso flagrantemente. Mas quando o vejo não fico cego. Abala-me um pouco, mas acabo por ficar calmo e aceitar. A morte então toma a velha imagem do sono – do sono que se apetece ao fim de um dia de trabalho. (Ferreira, 1959/1979: 136-137)

O diálogo dos irmãos termina aqui, interrompido, e nunca temos a resposta final do Alberto. Mas a sua pergunta inicial merece atenção: “Terás tu... Terás tu achado o que procuro?... essa superação de todas as angústias, de todas as dúvidas? Terás tu visto o absurdo e o milagre, e ficado tranquilo?”, a que o irmão responde num primeiro momento: “Não sei o que queres dizer. Mas tenho a certeza de que não achei o que procuras. Porque, se tu procuras, só tu podes achar” (*ibidem*: 132). Este diálogo enigmático e sereno é um dos pontos fortes do romance: as posições dos irmãos divergem, mas de certa forma sentimos que se completam, já que o Tomás pode ser

até considerado um *alter ego* natural do Alberto: porquê ele é um dos poucos que simpatiza incondicionalmente com o nosso narrador, quem não rivaliza com ele e procura entendê-lo com boa vontade. Mas há um outro motivo de meditarmos sobre este diálogo: a frase “procuro a superação de todas as angústias” parece enigmática, porque de certo modo é – e não é verdade. O Alberto, objetivamente falando, não quer uma solução definitiva, quer procurá-la, mantendo-se em alerta, numa posição incômoda decerto; e aquilo é um motivo do seu orgulho, senão de um sentimento de certa superioridade de índole nietzscheana<sup>3</sup>.

Mas foi dito que Alberto tem um interlocutor repleto de boa vontade, que é o Tomás. Este não é o caso do Chico, que num primeiro encontro deles parece seu aliado: ele queixa-se que Évora é uma cidade “absurda, reacionária, empanturrada de ignorância e de soberbia. (...) Qualquer iniciativa cultural é logo abafada de desprezo e de banha” e pede ao Alberto a colaboração – uma série de conferências no clube Harmonia (Ferreira, 1959/1979: 38). Mas este projeto falha, porque o Chico em breve deixa de partilhar as vistas do Alberto: por convicção ou por inveja, sendo ele secretamente apaixonado por Ana, esta por sua vez, como se disse, fascinada por Alberto? Mas não: o Chico é materialista, se calhar marxista, ele anima um “Comité de salvação” onde se discute e se lê folhas clandestinas, prepara-se “o homem de amanhã”. Sendo marxista, ele odeia quaisquer divagações sobre angústias metafísicas, sobre a condição humana trágica. Para ele isso parece complicado demais e suspeito. Eis um resumo da conversa dele com o Alberto na casa dos Cerqueira:

---

<sup>3</sup> Uns momentos antes da conversa com o Tomás, ambos fora da igreja, o narrador ouve as cantigas do Natal e dialoga na sua mente com a mãe deles assistindo à missa: “Sim, boa mulher. Mas saberás tu como conheço o teu mundo, agora que o não habito? (...). Sabes tu que coragem cruel é necessária para ouvi-los e permanecer fechado no triunfo do nosso árido destino?” (*ibidem*: 133). Devo concordar com João Moita, quando diz que a angústia existencial do herói vergiliano se caracteriza não tanto pelo “sentimento de perda de uma plenitude havida e recorrentemente procurada (...), mas antes pela assunção trágica da irremediável solidão do homem” (Moita, 2017: 370).

– Ouça, meu amigo (...) É exactamente por isso que nos irrita que alguém nos venha ainda com notícias dos deuses e da água benta. (...)

– Sou materialista! – disse eu.

– Você? Materialista? – Riu Chico. – Essa tem graça.

– Mas o meu materialismo não é o de um pedreiro. (...) Se tivesse deuses para lhes recambiar estes seus bens não me interrogava duas vezes. Interrogo-me, porque a morte é um muro sem portas. (...) Imprevistamente [a Ana] diz-me uma palavra de aplauso:

– Essa é a base última de um verdadeiro humanismo: instalar o homem mesmo nos aposentos divinos.

É uma frase bonita, talvez, mas não fui eu que lha disse? (*ibidem*: 98-100)

Pois não: a Ana alia-se ao pensamento do Alberto e o Chico é reduzido ao silêncio. Ele, porém, não se dá por vencido e depois de saírem juntos da casa dos Cerqueira, diz ainda: “– Não pense que isto fica por aqui. Você é responsável por tudo quanto acontecer. – Tudo o quê? Encolhi os ombros e desandei” (*ibidem*: 102).

Esta frase do Chico torna-se de certo modo profética, mas a construção da narrativa não é precisamente o que me interessa neste momento. O que realmente parece interessante é que os dois homens se tornem de novo, de certo modo, aliados, quando a Ana, depois da tragédia da família Moura, perde a fé. Quer dizer, a fé humanista, materialista, que enaltecia na citação acima. É interessante descrever mais em detalhe a reação do Alberto, quando encontra a Ana na Sé de Évora e descobre que ela se converteu:

A reação de Carolino, a reação de Sofia, expressariam de algum modo um desastre da minha angústia; mas eu sentia-os ainda ao meu lado (...). Fulminados de maldição, de castigo, eles eram ainda da minha humanidade (...). Destruíam-se com seu protesto, mas recusavam-se a renegar o seu destino, morriam no combate, mas não pretendiam salvar-se fugindo desse combate. Mas Ana fugia, eu o pensava dolorosamente (...). Era impossível que Ana, a bela Ana (...) ignorasse a degradação que eu lhe estava imaginando. (*ibidem*: 208-209)

Alberto pensa **dolorosamente** na degradação da Ana, a degradação de voltar à fé cristã, como se, aos olhos dele, ela fosse um escravo fugitivo que volta ao seu dono, frustrado com a liberdade. Este é o escândalo interno do livro, ao qual eu aludi no início; tanto mais que na sua decisão não interfere uma instituição, no romance não aparece nenhum padre<sup>4</sup>, a decisão da Ana é puramente filosófica, é sua por completo. A Ana, boa aluna do Alberto, degrada-se na *blasfêmia* contra o ateísmo. Alberto, por seu lado, mantém o sentimento da própria superioridade moral, da certeza inabalável, consciente que a sua interlocutora nem sequer merece o seu tratamento humanista e tolerante: “Impossível diálogo (...). Só a minha ‘tolerância’, decerto a minha disponibilidade de procura, de incerteza, de pura aspiração, me permitiam ainda uma permuta de palavras: duas verdades vividas ignoram-se decerto uma à outra ou insultam-se, talvez” (*ibidem*: 210).

A indignação do Alberto é compartilhada pelo Chico, mas o momento de solidariedade dura apenas uns segundos:

– Você sabe a que extremo Ana chegou? – perguntou-me.

– Sei. Tentei já fazê-la reflectir. Inútil.

– Reflectir? Mas ela repete-o a você, ela diz exactamente as suas palavras. (...) falo da sua mixórdia irracional, dos seus sofismas, da sua perversão. (...)

– Ana viu. Foi ela que mo disse. Tentei reconduzi-la: não era aquilo, não era aquilo... Ana regressou. Nunca sonhei regressar. (*ibidem*: 215-216)

Eis, como disse, o escândalo “interno” do romance. Quanto ao escândalo da sua receção nos anos 1950 e 1960 em Portugal, frases como “instalar o homem mesmo nos aposentos divinos” ou mais ainda, a frase “EU SOU” (*ibidem*: 61), escrita com letra maiúscula que alude claramente ao nome do Deus no livro do Êxodo (E 3, 13, 14),

---

<sup>4</sup> Sem contar aquela lembrança grotesca e cheia de ódio da época em que o Alberto ainda era crente por força de costume: “O padre ia à nossa casa e arrotava. Depois soube que tinha filhos” (*ibidem*, p. 89).

decerto eram suficientes para escandalizar o público e as autoridades políticas da época. Mas o tempo passa, e curiosamente, esses escândalos, de tão repetidos, gastaram-se, como diria o autor, perderam a capacidade de abalar as mentes; mais curiosamente, o próprio Deus não se gastou, como se pode verificar, entre outros, na obra do ateu assumido José Saramago.

\*

Pois não: a história escandalosa já não parece tão escandalosa assim; o próprio autor reconhece-o no seu *Posfácio* (Ferreira, 1959/1979: 253), apenas dez anos depois da publicação do livro, quanto será isso verdade na época atual? Como o tempo passa, a geração de hoje não é mais, se calhar, capaz de compreender “o sentimento trágico da vida”, ou a “vida no mal-conforto”. São dois conceitos, respectivamente, de Miguel de Unamuno e de Albert Camus, os autores que Vergílio Ferreira conhecia sem dúvida alguma, especialmente o segundo, autor da novela *La Chute* onde aparece o conceito da vida no mal-conforto (1956), e da peça de teatro *Calígula* (1958), com aquela frase central, “os homens morrem e não são felizes”, que poderia ser o mote da *Aparição*, visto que nele se resume o ato da tomada de consciência de si próprio, que é o ponto de partida da reflexão do narrador. Pois, quando o narrador diz, pensando no Carolino, “sê feliz, moço. Ou sê infeliz, que é forma mais nobre talvez de felicidade” (Ferreira, 1959/1979: 172), um Carolino de hoje não ia entender de que se trata. Porque o existencialismo foi, se calhar, a última época heróica. Exigia-se heroísmo no pensamento filosófico, na proposta ética do existencialismo: talvez porque o choque da segunda guerra mundial estivesse ainda tão vivo. A postura nobre (e infeliz) era a seguinte: o homem não precisa mais de Deus, nem por isso ele deixa de ser homem; as exigências éticas não mais lhe são impostas por qualquer instância, muito menos pela tradição religiosa: o homem aceita-as pela livre escolha de ser decente; esta é a lição da *Peste* de Camus. Ora, a nossa época não é heróica. O sentimento trágico da vida, a infelicidade nobre já não atraem, bem pelo contrário: alguns

anos atrás vi nas ruas de Lisboa uma propaganda dizendo: “Morrer de amor já não se usa. Use a camisinha”.

Mas isto não é tudo. O fervor do Alberto e do Chico, que se escandalizam com a “degradação” da Ana, hoje em dia já tem algo de indecente, senão ridículo. Porque há muitas verdades, cada um tem a sua verdade. Se a Ana se tivesse declarado uma adepta de Hare Krishna, da igreja Universal de Deus ou uma lésbica, criticar a sua decisão não seria mais permitido. O mote da nossa época é, a partir da revolta parisiense de 1968, “Proíbe-se proibir”. E não só proibir: não é permitido apregoar com demasiada insistência a sua verdade, o que fazem o Alberto e o Chico: «Il y a violence dès que je parle à l’autre» (Há violência desde que eu falo ao outro), diz Jacques Derrida no seu Manifesto para a hospitalidade, de 1997. A frase é paradoxal, embora digna de máxima atenção em vários contextos da vida de hoje. Mas no caso que nos interessa, dir-se-á com toda certeza: o tratamento de Alberto e de Chico para com a Ana, hoje em dia, deveria ser considerado como um ato de violência.

Assim sendo, vamos dizer que o livro de Vergílio Ferreira já está ultrapassado e não merece, hoje em dia, mais interesse que *Del sentimiento trágico de la vida* de Unamuno ou *Calígula* de Camus, obras que de facto já não lemos há bastante tempo?

Ora, um romance não é apenas a mensagem filosófica. Relendo a *Aparição*, fiquei autenticamente comovido com a cena da morte da pequena Cristina, sem pensar no que me ocorria ou se o existencialismo do autor parecia já ultrapassado. Fiquei triste com a história da Sofia, mulher independente, que não tinha o que fazer na Évora ou na Lisboa dos anos 1950. Fiquei cheio de admiração com a maneira como o autor, através do narrador Alberto, seu *porte parole*, faz uma outra vida, cria uma família que provavelmente desejava ter mas não tinha<sup>5</sup>, escreve frases num estilo que nos importa, das quais talvez não

---

<sup>5</sup> Considero que vale a pena citar, neste contexto, um trecho da correspondência que tenho mantido com o filho adotivo do autor: “Meu pai ressentiu-se muito quando os pais emigraram para o outro lado do mundo. Tinha convivido com um tio bisavô padre (...) e aprendendo a missa e responsório em latim antes de frequentar a instrução primária, quem tomava conta deles eram duas tias terríveis

tivesse sido capaz nas situações da vida real. Porque a literatura não é apenas uma mensagem, é a magia da procura do tempo perdido, do tempo nunca vivido mas que poderia ter sido vivido, que é a essência de cada grande romance.

## Referências bibliográficas

- CAMUS, A. (1956), *La Chute*, Gallimard, Paris.
- CAMUS, A. (1958), *Caligula*, Gallimard, Paris.
- COUTINHO, A. P., PIRES de LIMA, I., MATOS FRIAS, J., COSTA LOPES, J. (eds.) (2017), *Vergílio Ferreira. Escrever e Pensar, ou O Apelo Invencível da Arte*, Âncora, Lisboa.
- DERRIDA, J. (1997), *De l'hospitalité*, Calman-Lévy, Paris.
- FERREIRA, V. (1959/1979), *Aparição*, Livraria Bertrand, Lisboa.
- FERREIRA, V. (1969, 1979), “Posfácio”, em: idem, *Aparição*, Livraria Bertrand, Lisboa.
- FERRIERA, V. (1969), *Invocação ao meu corpo*, Portugália, Lisboa.
- FERREIRA, V. (1983), *Conta-Corrente III*, Livraria Bertrand, Lisboa.
- KASPRZYKOWSKI, V. (2017), carta inédita a Jerzy Brzozowski (11 de maio de 2017).
- MENESES, P. (2017), “O peso de estar vivo segundo Vergílio Ferreira e Gonçalo M. Tavares”, em: Coutinho, A. P., Pires de Lima, I., Matos Frias, J., Costa Lopes, J. (eds.) (2017), *Vergílio Ferreira. Escrever e Pensar, ou O Apelo Invencível da Arte*, Âncora, Lisboa.

---

– um espectro familiar muito desequilibrado. Ao contrário dos irmãos “queria ser alguém”, queria estudar. E para pessoas de poucas posses como era o caso e hábito por todo o país naquela época começar os estudos pelo Seminário era a porta aberta para outros voos. A ida para o Seminário onde estava internado no tempo de aulas era outro afastamento e trambolhão familiar. As marcas que existiriam datariam desta época e não do regresso dos pais. (...) como vê respondo com uma razoável quantidade de pormenores e tive muito prazer em fazê-lo, mas em nada lhe digo sobre características psicológicas de meu pai, nem direi. Ele só faleceu há 21 anos, a sua memória ainda está muito presente e é meu dever preservar as intimidades” (Carta do Dr. Virgílio Kasprzykowski de 11 de maio de 2017).

- 
- MOITA, J. (2017), “No final era o Verbo e não havia Deus: a palavra absoluta de Vergílio Ferreira e Herberto Helder”, em: Coutinho, A. P., Pires de Lima, I., Matos Frias, J., Costa Lopes, J. (eds.) (2017), *Vergílio Ferreira. Escrever e Pensar, ou O Apelo Invencível da Arte*, Âncora, Lisboa.
- NAVES, L. (ed.) (2016), *1000 frases de Vergílio Ferreira*, Quetzal, Lisboa.
- UNAMUNO, M. de (1912), *Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos*, Editorial Renacimiento, Madrid.